

PALIMPSESTO

Maria Helena C. RÉGIS*

Roland Barthes no seu livro "Fragmentos de um discurso amoroso" diz: "Para compor este sujeito apaixonado, foram "montados" pedaços de origem diversa. Há o que vem de uma leitura regular, a do Werther de Goethe. Há o que vem de leitura insistentes (o Banwurte de Platão, o Zen, a psicanálise, certos místicos, Nietzsche, aos lieder alemães). Há o que vem de leituras ocasionais. Há o que vem de conversas de amigos. Há enfim o que vem de minha própria vida."

A leitura do poema de Luís Delfino é feita aqui, entremean-do o texto do sujeito apaixonado de "As três irmãs" com "Fragmentos de um discurso amoroso de Roland Barthes. Esta aproximação cria reverberações sem conta.

Eis o poema de Luís Delfino:

1. A mais moça das três, a mais ardente e viva,
2. Aquela que mais brilha,
3. Quando, sorrindo, aos seus encantos nos cativa,
4. Eu amo como filha.

5. A segunda, que tem da pálida açucena
6. Aberta de manhã,
7. A cor, o cheiro, a forma, a languidez serena,
8. Eu amo como irmã.

9. A outra é a mulher, que me enleia, e fascina,
10. É a mulher que eu chamo
11. Entre todas gentil; é a mulher divina,
12. É a mulher que eu amo.

II

13. A mais moça das três é linda borboleta;
14. Entre, abre as asas, sai.
15. Não compreende bem, não nega, nem rejeita,

*Professora de Teoria Literária da UFSC.
Dra e L.D. em Teoria Literária.

16. O meu amor de pai.
17. A segunda é a flor de essência melindrosa,
18. De rara perfeição;
19. Não sei se ela desdenha, ou se ela entende, e goza
20. O meu amor de irmão.
21. A terceira é a mulher: anjo, monstro, hidra, esfinge,
22. Encanto, sedução;
23. Amo-a; não a conheço: é verdadeira, ou finge?
24. Não a conheço, não.

III

25. Se a primeira casasse, oh! que alegria a minha!
26. Eu lhe diria: — vai!
27. Veria nela um anjo, um astro, uma rainha
28. O meu amor de pai.
29. Se a segunda casasse, eu mesmo iria à Igreja,
30. Levá-la pela mão:
31. Dir-lhe-ia: — o céu azul, virar-te aos pés, deseja
32. O meu amor de irmão.
33. Se a terceira casasse, oh! minha infelicidade!
34. A mais velha das três,
35. No horror da escuridão, fora uma eternidade
36. A minha viuvez.

IV

37. Se a primeira morresse, oh! como eu choraria
38. A minha desventura!
39. Com lágrimas de dor lavara, noite e dia,
40. A sua sepultura.
41. Se a segunda morresse, oh! transe amargurado!
42. Eu choraria tanto
43. Que ela iria boiando, em seu caixão doirado,
44. Nas águas do meu pranto.
45. Se a terceira morresse, em seu caixão deitada,
46. Sem que eu chorasse, iria,
47. Porque noutro caixão, ó minha morta amada
48. Alguém te seguiria...

1. A mais moça das três, a mais ardente e viva,
4. Eu amo como filha.
5. A segunda, que tem da pálida açucena
8. Eu amo como irmã.
9. A outra, é a mulher que me enleia, e fascina,
12. É a mulher que eu amo.

"A errância amorosa tem seus lados cômicos: parece um balê, mais ou menos rápido, conforme a velocidade do sujeito infiel, mas é também uma grande ópera. O Holandês maldito é condenado a errar sobre o mar até encontrar uma mulher de fidelidade eterna. Sou esse Holandês Voador; não posso passar de errar (de amar) por causa de uma antiga marca que me destinou, nos tempos remotos de minha infância profunda, ao deus imaginário, que me afligiu de um a compulsão de fala que me leva a dizer "Eu te amo", de escala em escala, até que qualquer outro escolha essa fala e a devolva a mim; mas ninguém pode assumir a resposta impossível (que completa de uma forma insustentável), e a errância continua." "A 'mutabilidade perpétua' que me anima, longe de esmagar todos aqueles que encontro sob um mesmo tipo funcional, desloca com violência seu falso ponto em comum: a errância não iguala, faz mudar de cor: o que volta é a nuance. É assim que vou até o fim da tapeçaria, de uma variante a outra."

9. A outra é a mulher que me enleia, e fascina,
10. É a mulher que chamo
11. Entre todas gentil; é a mulher divina,
12. É a mulher que eu amo.

"É atopus o outro que amo e que me fascina. Não posso classificá-lo, pois ele é precisamente o Único, a Imagem singular que veio milagrosamente responder à especialidade do meu desejo. É a figura da minha verdade; de não estar contido em nenhum estereótipo (que é a verdade dos outros)."

"Existe entre todos os seres que amei, um traço comum, um sô, por mais insignificante que seja (um nariz, uma pele, um jeito) que permita dizer: "eis meu tipo! É exatamente o meu tipo." "Não é nenhum pouco meu tipo" — assim diz o conquistador: o enamorado não é apenas um conquistador mais complicado, que procura a vida inteira "seu tipo"?

"Adivinho que o verdadeiro lugar da originalidade não é nem o outro nem eu, mas nossa própria relação. E a originalidade da relação que é preciso conquistar."

13. A mais moça das três é linda borboleta;
14. Entre, abre as asas, sai.
15. Não compreende bem, não nega, nem rejeita,
16. O meu amor de pai.
17. A segunda é flor de essência melindrosa,
18. De rara perfeição,
19. Não sei se ela desdenha, ou se ela entende, e goza
20. O meu amor de irmão.

"— Eu te amo".

"— Eu também".

"Eu também" não é uma resposta perfeita, porque o que é perfeito tem que ser formal, e a forma aqui é defeituosa, porque ela não retoma literalmente o proferimento — e é próprio do proferimento ser literal. Não é portanto, suficiente que o outro me responda por um simples significado, mesmo que seja positivo ("eu também") — é preciso que o sujeito interpelado assuma formular, proferir o "eu te amo" que lhe estendo. — Eu te amo, diz Pelléas. — Eu te amo também, diz Mélisande. O que eu quero é receber a fórmula, o arquétipo da palavra de amor, como uma chicotada em cheio, inteiramente, literalmente sem fuga — ponto de escaptória sintática, ponto de variação: que as palavras se respondam em bloco, coincidindo significante por significante. O que importa no mito não é o domínio da fidelidade, é o seu proferimento. Aquele que não diz o "eu te amo" está condenado a emitir signos múltiplos, incertos, duvidosos, avaros, do amor: seus indícios, suas "provas" —

gestos, olhares, suspiros, alusões, elipses; ele tem que se deixar interpretar; ele fica dominado pela instância — reativa dos signos de amor; alienado no mundo servil da linguagem porque ele não diz tudo (o escravo é aquele que tem a língua cortada, que só pode falar por trejeitos, expressões, caretas.)"

21. A terceira é a mulher — anjo, monstro, hidra, esfinge,
22. Encanto, sedução;
23. Amo-a; não a conheço; é verdadeira, ou finge?
24. Não a conheço, não.

"Estou preso nesta contradição: de um lado, creio conhecer o outro melhor do que ninguém e afirmo isso triunfantemente a ele — "Eu te conheço. São eu te conheço bem!" E por outro lado sou frequentemente assaltado por essa evidência: o outro é impenetrável, raro, intratável; não posso abri-lo, chegar até sua origem, desfazer o enigma. De onde ele vem? Quem é ele? Por mais que me esforce não o saberei nunca."

"Reviravolta — "Não consigo te conhecer" quer dizer: — "Nunca saberei o que você realmente pensa de mim." Não posso decifrar você, porque não sei como você me decifra."

"Não é verdade que quanto mais se ama, mais se compreende; o que a ação amores consegue de mim é apenas uma sabedoria: não tenho que conhecer o outro; sua opacidade não é de modo algum a tela de um segredo, mas sim uma espécie de evidência, na qual fica abolido o jogo da aparência e do ser. Experimento, então essa exaltação de amar profundamente um desconhecido, que o será sempre — movimento místico —: tenho acesso ao conhecimento do desconhecido."

25. Se a primeira casasse, oh! que alegria a minha!
26. Eu lhe diria: vai!
27. Veria nela um anjo, um astro, uma rainha
28. O meu amor de pai.
29. Se a segunda casasse, eu mesmo iria à Igreja,
30. Levá-la pela mão:

31. Dir-lhe-ia: o céu azul, virar-te aos pés, deseja
32. O meu amor de irmão.
33. Se a terceira casasse, oh! minha infl'cidade!
34. A mais velha das três,
35. No horror da escuridão, fora uma eternidade
36. A minha viuvez.

"Só há ausência do outro: é o outro que parte, sou eu que fico. O outro vive em eterno estado de partida, de viagem; ele é, por vocação, migrador; quanto a mim, que amo, sou, por vocação inversa, sedentário, imóvel, disponível, à espera, fincado no lugar, não resgatado, como um embrulho num canto qualquer da estação."

"Às vezes consigo suportar bem a ausência. Sou então, 'normal' — me igualo à maneira pela qual 'todo mund' suporta a partida de um ente querido. Essa ausência bem suportada não é outra coisa senão o esquecimento. Sou momentaneamente infiel. É a condição de minha sobrevivência; seu eu não esquecesse, morreria."

"Devo infinitamente ao ausente o discurso de sua ausência. O outro está ausente como referente, presente como destinatário; você partiu (disso me queixo); você está aí (pois me dirijo a você). Essa encenação lingüística afasta a morte do outro: diz-se que um pequeno instante separa o tempo em que a criança ainda acredita que a mãe está ausente daquele em que ela acredita que ela já está morta. Manipular a ausência é alongar esse momento, retardar tanto quanto possível o instante em que o outro poderia oscilar secamente da ausência à morte."

37. Se a primeira morresse, oh! como eu choraria
38. A minha desventura!
39. Com lágrimas de dor lavara, noite e dia,
40. A sua sepultura.
41. Se a segunda morresse, oh! transe amargurado!
42. Eu choraria tanto
43. Que ela iria boiando, em seu caixão doirado,
44. Nas águas do meu pranto.

"Idéia de suicídio; idéia de separação; idéia de retirada; idéia de viagem; idéia de oblação, etc.; posso imaginar várias soluções para a crise amorosa e é o que estou sempre fazendo."

"A idéia é sempre uma cena patética que imagino e que me emociona; enfim, um teatro. Ao imaginar uma situação extrema produzo ficção, me torno artista, faço um quadro, pinto minha saída. A arte da catástrofe me pacifica."

"De onde o enamorado tira o direito de chorar, senão de uma inversão de valores da qual o corpo é o primeiro alvo? Ele aceita reencontrar o corpo de criança."

"Talvez chorar seja muito geral; talvez não se deva a todos os choros a mesma significação; talvez haja no mesmo enamorado vários sujeitos que se empregam em modos vizinhos, mas diferentes de "chorar". Qual é esse "eu" que tem "lágrimas nos olhos"? Qual é esse outro — que um dia desses estava "à beira das lágrimas"? Quem sou eu que choro "todas as lágrimas do meu corpo"? ou derramo "uma torrente de lágrimas"? Se tenho tantas maneiras de chorar, é porque, talvez, quando choro, me dirijo sempre, a alguém, e o destinatário das minhas lágrimas não é sempre o mesmo: adapto minhas maneiras de chorar ao tipo de chantagem que pretendo exercer ao meu redor através das lágrimas."

"Através das minhas lágrimas conto uma história, produzo um mito da cor, e a partir de então me acomodo: posso viver com ela, porque ao onorar me ofereço um interlocutor empático que recolhe a mais "verdadeira" das mensagens, a do meu corpo e não a da minha língua: "Que são as palavras? Uma lágrima diz muito mais."

45. Se a terceira morresse, em seu caixão deitada,

46 Sem que eu chorasse, iria,

47. Porque noutro caixão, ô minha morta amada

48, Alguém te seguiria...

"A catástrofe amorosa está talvez mais próxima daquilo que se chamou no âmbito psicótico, de uma "situação extrema" que é

"uma situação vivida pelo sujeito como tendo irremediavelmente que destruí-lo"; a imagem foi tirada do que se passou em Dachau. Não será indecente comparar a situação de um sujeito que sofre de amor à de um prisioneiro de Dachau? Pode uma das ofensas mais incríveis da História se repetir num incidente fútil, infantil, sofisticado, obscuro, que aconteceu a um sujeito confortável, que é apenas presa do seu imaginário? Essas duas situações têm no entanto isso em comum: são, ao pé da letra, de pânico: são situações sem resto, sem troco: me projetei no outro com tal força que, quando ele me falta, não posso me retomar, me recuperar: estou perdido para sempre."

LUÍS DELFINO: DO MÍTICO AO EXISTENCIAL

Lauro JUNKES*

Tenho a sede do monstro. — A entranha me devora
A ânsia de saciar a sede, que me mata:
Quero beber-te o ouro, esplendorosa aurora,
Beber-te o rubro sangue em ânforas de prata.

Tântalo!... Ouves a voz que te chama? Não mente,
Tântalo, a maldição que há dentro desse grito?...
Tens sede? muita sede? Ah, tens a água corrente...
É a mulher, religião, ideal, fê, culto, mito,

Esperança, consolo, enlevo, angústia, sonho!...
Abraça-a sempre, e muito, ao peito teu a aperta.
Jamais acharás termo ao teu sofrer medonho:
Tens, Tântalo maldito, a tua sede certa.

Tântalo!... um monstro, um fero, um gigantesco assombro,
Capaz de dar assalto à muralha celeste.
Capaz de ter o céu em cima de um só ombro!...
Mas... que sede a queimar-lhe a entranha, Amor, lhe deste!